

Número 46
Edição Set. de 2019
Publicação bimestral

GT racismo

MP  PE
Ministério Público de Pernambuco
COMPROMISSO COM A CIDADANIA

Foto: priscilla Buhr

Em contato com nossas
raízes

EDITORIAL

Em defesa das raízes

A força das palavras, assim como acontece com as pessoas, está na sua capacidade de ser muitos em um só. Não é à toa que o GT Racismo escolheu batizar de Raízes o seu projeto que integra o planejamento estratégico do MPPE. Raízes são quase onipotentes: são o primeiro esforço da semente, ao germinar no solo, em busca de abrigo e proteção; são a base sólida que permite à planta crescer; são ainda o ponto de contato entre esses seres vivos e a terra, a porta de entrada para a água e os nutrientes que os fazem resistir por séculos; são a reserva para os tempos de escassez e a chance de um recomeço quando a copa e o tronco das árvores, por algum motivo, são extirpados.

As comunidades tradicionais quilombolas, indígenas, ciganas e de terreiros são o nosso ponto de contato com a terra e com a herança cultural. O homem, de visão tão limitada, celebra o fruto e a colheita sem entender o papel essencial que as raízes exercem, no subsolo, às escuras, como guardiãs da terra e da fertilidade. Sem elas, como já é possível ver em regiões da caatinga e cerrado brasileiros, regredimos ao deserto, tanto na paisagem natural como cultural.

Esta edição do jornal do GT Racismo foca na cultura, em seus aspectos micro, como é o caso da educação quilombola em Mirandiba; macro, como é o debate sobre a identidade negra e africana no cinema e nas artes; e transversal, com a proposta de reunir informações sobre todas as comunidades tradicionais de Pernambuco, suas reivindicações e prioridades perante o poder público, colocando-as em espaço de igualdade de fala e de construção das políticas públicas, com a execução do Raízes. Hoje, mais que nunca, é tempo de semear.

INCLUSÃO

GT Racismo do MPPE agora conta com hot site exclusivo



Todas as informações sobre a atuação do Grupo de Trabalho de Enfrentamento ao Racismo do Ministério Público de Pernambuco (GT Racismo) agora estão disponíveis em um único local: o hot site gtracismo.mppe.mp.br. A página está em fase final de implementação mas já está com acesso liberado ao público, com a publicação de novos conteúdos à medida que forem implementados.

No hot site é possível conhe-

cer o histórico do GT Racismo, ler sobre o conceito do racismo institucional, entender as áreas de atuação do grupo, acessar material jurídico sobre a temática, conhecer as ações de comunicação e notícias do grupo de trabalho, bem como acompanhar a agenda oficial com as próximas ações previstas.

A construção do hot site do GT Racismo visa dar mais agilidade à divulgação das ações institucionais do Ministério Pú-

blico no combate à discriminação racial, à intolerância contra as religiões de matriz africana e ao racismo institucional.



Acesse o hot site escaneando o código acima.

EXPEDIENTE

GT RACISMO - MPPE

Francisco Dirceu Barros
Procurador-geral de Justiça

Membros / Maria Bernadete Martins de Azevedo Figueiroa (Coordenadora), Helena Capela Gomes Carneiro Lima (Sub-coordenadora), Irene Cardoso Sousa, Maisa Sil-

va Melo de Oliveira, Maria Ivana Botelho da Silva, André Felipe Barbosa de Menezes, Antonio Fernandes Oliveira Matos Júnior, Marco Aurélio Farias da Silva, Roberto Brayner Sampaio, José Roberto da Silva, Edgar Braz Mendes Nunes (coordenador da Central de Inquéritos), Bruno César Barros Bastos, Victor de Albuquerque Lima e Shirley Gonçalves do Nascimento Mondaini.

Projeto gráfico: Leonardo Dourado
Diagramação: Aluísio Ricardo
Texto e edição: Bruno Bastos.

www.mppe.mp.br - gtracial@mppe.mp.br
(81) (81) 3182.7134 - Rua do Imperador D. Pedro II, nº473, Anexo I, 1º andar, Santo Antônio - Recife-PE - CEP: 50.010-240



PROJETO

Em Mirandiba, comunidades quilombolas se reúnem para definir diretrizes para a educação

Fotos: Centro de Cultura Luiz Freire



Moradores de comunidades se reuniram com o promotor e educadores na zona rural de Mirandiba

O currículo escolar das unidades de ensino de Mirandiba vão ser adaptados para contemplar diretrizes de reconhecimento da cultura, história e costumes das populações de origem afrobrasileira. Esse é o objetivo do Projeto Educação Escolar das Meninas Quilombolas de Mirandiba, que está sendo implementado na cidade por meio de uma ação integrada do Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF), Fundo Malala, Comissões Estadual e Municipal das Comunidades Quilombolas e Ministério Público de Pernambuco (MPPE). O lançamento do projeto ocorreu no último dia 9 de maio, na comunidade quilombola Jardim, na zona rural de Mirandiba.

O educador Rogério Barata, do CCLF e ativista da Rede Gulmakai, uma articulação mundial de defensores da educação escolar de meninas, explica que o projeto busca construir as iniciativas em parceria com os sujeitos detentores de direitos e que, por esse motivo, as primeiras atividades foram realizadas com

os integrantes das 15 comunidades quilombolas de Mirandiba, agregando as lideranças locais à luta pelo direito à educação de todos, em especial das meninas.

“Nossa proposta é avançar na garantia do direito à educação escolar contextualizada com a realidade dos jovens quilombolas. Por isso, precisamos redefinir diversos procedimentos que dizem respeito ao transporte escolar e, principalmente, na questão curricular. Além disso, é importante destacar que o projeto, ainda que beneficie as comunidades como um todo, tem um recorte de gênero em razão das dificuldades que as meninas enfrentam para continuar com os estudos”, detalhou o educador.

A partir do diálogo com os quilombolas, o projeto pretende sistematizar adequações às diretrizes municipais da educação, levar essas contribuições para os gestores e demais entes públicos a fim de sedimentar uma política educacional sensível à realidade dos povos tradicionais, com a apro-



vação de legislação que assegure a continuidade desse trabalho. Esse contato com os entes públicos ocorreu no dia 10 de maio.

“Nós participamos de uma mesa de debate sobre as diretrizes curriculares e como implementar melhorias na rede de ensino, para resguardar o direito à educação das meninas e meninos qui-

lombolas. O papel do Ministério Público, daqui para a frente, é cobrar que essa base curricular inclua a dimensão social, histórica e cultural dos povos de origem africana e afrobrasileira. Os gestores municipais estiveram presentes e se comprometeram a realizar as adequações necessárias”, destacou o promotor de Justiça de Mirandiba, Raul Sales.

MPPE lança projeto em defesa dos direitos de comunidades tradicionais



“Pernambuco possui atualmente 133 comunidades quilombolas, 16 povos indígenas e 21 comunidades ciganas, localizadas quase que exclusivamente no interior do Estado”

A partir de julho de 2019 o Ministério Público de Pernambuco (MPPE) inicia, por meio do Grupo de Trabalho de Enfrentamento à Discriminação Racial (GT Racismo), as atividades do Projeto Raízes, voltado para fortalecer as comunidades tradicionais em todo o Estado de Pernambuco.

Depois da aprovação do projeto na última Reunião de Avaliação da Estratégia (RAE), em abril deste ano, o GT Racismo delineou as iniciativas que serão desempenhadas para assegurar a preservação dos direitos das comunidades de quilombolas, indígenas, de terreiros e ciganas, que são o público-alvo do projeto.

A primeira ação prevista pelo

grupo é a criação de um banco de dados com informações sobre a situação de cada uma dessas comunidades em todo o Estado. Para coletar essas informações, o GT Racismo fará contato com as lideranças das comunidades tradicionais, que deverão preencher o formulário elaborado pela equipe da Assessoria Ministerial de Planejamento em parceria com o GT Racismo. Os formulários serão entregues às lideranças no início dos eventos regionais do Projeto Raízes (ver box) e poderão ser entregues no mesmo dia.

A ideia dessa iniciativa é utilizar os dados obtidos a partir das respostas aos formulários para criar um banco de dados sobre comunidades tradicionais

voltado a embasar a atuação institucional do MPPE. Mediante o preenchimento desses formulários, será possível reunir informações sobre as comunidades, como quantidade de famílias que vivem em cada uma delas, sua localização geográfica, contatos das lideranças e, principalmente, dados sobre a existência ou não de políticas públicas voltadas para os direitos dos seus integrantes. Uma vez pronto, esse banco de dados será disponibilizado aos órgãos de execução em todo o Estado.

“Com esse levantamento, Pernambuco terá um banco de dados atualizado sobre as comunidades, como contactá-las e suas principais reivindicações. Isso vai ajudar muito no trabalho dos promotores de Justiça

em fiscalizar a efetivação das políticas públicas”, detalhou a coordenadora do GT Racismo, procuradora de Justiça Maria Bernadete Azevedo.

Além da produção do banco de dados, o Projeto Raízes também vai promover oficinas de sensibilização e seminários sobre a temática das comunidades tradicionais com membros do MPPE, com especial destaque para a onda de atos repressivos contra quilombolas, indígenas, ciganos e povos de terreiros; e o papel do MP na manutenção dos poucos direitos já conquistados para proteger essas pessoas.

“Conforme se vem constatando nas audiências públicas e visitas realizadas em comunida-

des tradicionais como Negros do Osso, em Pesqueira, Onze Negras, no Cabo de Santo Agostinho, e Ilha de Mercês, no Ipojuca, bem como em contato com diversas dessas lideranças, temos verificado a dificuldade de acesso dessas pessoas às políticas públicas mais básicas, bem como a vulnerabilidade às mais diversas formas de discriminação, racismo ambiental e violência de toda ordem”, acrescentou a coordenadora do GT Racismo.

Também estão previstas ações para fortalecer as parcerias institucionais com os GTs Racismo das Polícias Militar e Civil, com o objetivo de desenvolver ações de prevenção e enfrentamento à violência contra as comunidades tradicionais e a juventude negra; e a produção de peças de comunicação, como vídeos, postagens para redes sociais, dentre outros.

Raízes — Com ênfase nas populações vulneráveis, o projeto pretende enfrentar as múltiplas dimensões das desigualda-

des decorrentes das discriminações que afetam as comunidades tradicionais, contribuindo para a conscientização, empoderamento e respeito à dignidade de seus membros, conforme assegurado pela Constituição Federal de 1988 e na esteira dos compromissos assumidos pelo Brasil em diversas conferências mundiais, especialmente na Declaração e Programa de Ação de Durban, adotados em 2001.

O projeto Raízes integra o Portfólio de Projetos Estratégicos do Ministério Público de Pernambuco, com foco na efetividade da legislação antirracista e afirmativa e insere-se o nos eixos Reconhecimento, justiça e desenvolvimento para a promoção e proteção dos direitos humanos das pessoas afrodescendentes, instituídos em 2013 pela Década Internacional para Afrodescendentes (2015-2024) conforme a Resolução nº68/237 da Assembleia Geral das Nações Unidas.

Confira as próximas oficinas do Projeto Raízes

Oficina 1:
Petrolina (1ª e 2ª Circunscrições Ministeriais) – 30 de setembro 2019

Oficina 2:
Serra Talhada (3ª e 14ª Circunscrições Ministeriais) – 23 de outubro de 2019

Oficina 3:
Garanhuns (4ª e 5ª Circunscrições Ministeriais) – 25 de novembro de 2019;

Oficina 4:
Caruaru (6ª, 7ª, 10ª e 11ª Circunscrições Ministeriais) – Previsão: março/2020;

Oficina 5:
Recife (8ª, 9ª e 13ª Circunscrições Ministeriais) – Previsão: abril/2020.

Pantera Negra: identidade e representatividade no cinema

ENTREVISTA

Vencedor de três prêmios Oscar nas categorias Trilha Sonora Original, Figurino e Design de Produção; nomeado para mais quatro categorias do prêmio mais importante do cinema mundial, incluindo a de Melhor Filme; e uma receita global de bilheteria de aproximadamente 1,350 bilhão de dólares.

Essas são as credenciais de Pantera Negra (2018), o filme de super-herói mais bem sucedido de todos os tempos e que é considerado um divisor de águas por contar com um protagonista e grande maioria do elenco composta por pessoas negras, em uma história que apresenta uma visão diferente da África. Seria esse um indício de novos ares de representatividade no cinema, ou apenas uma aposta mercadológica no fortalecimento do público afrodescendente?

Para buscar responder a esse e outros questionamentos sobre a representação das pessoas negras na indústria cultural, em especial no cinema e nas histórias em quadrinhos, o publicitário e ex-estagiário do MPPE Rodrigo Sérgio Ferreira de Paiva estudou o impacto social e mercadológico do filme no seu trabalho de conclusão do curso de graduação em Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Pernambuco. O trabalho é intitulado *Panther is the new black: representação e cultura na comunicação do filme Pantera Negra*.

Para buscar responder a questionamentos sobre a representação das pessoas negras na indústria cultural, em especial no cinema e nas histórias em quadrinhos, o publicitário e ex-estagiário do MPPE Rodrigo Sérgio Ferreira de Paiva estudou o impacto social e mercadológico do filme no seu trabalho de conclusão do curso de graduação em Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Pernambuco.

Olá Rodrigo. Antes de falar do filme, na sua pesquisa você contextualiza o papel dos personagens negros nas histórias em quadrinhos e no cinema. De que forma essas pessoas são retratadas nessas artes?

O cinema, de um modo geral, ao mesmo tempo em que ele se mostra encantador, divertido e entretém o público, ele se mostrou bastante controverso ao longo de sua história. Por exemplo, eu posso citar o primeiro blockbuster da história, chamado O Nascimento de uma Nação (1915), que retrata a Guerra Civil Americana. Ele traz uma visão bastante eurocêntrica da imagem do negro. Eles utilizavam atores brancos para interpretar personagens negros, que eram todos antagonistas, e esses atores utilizavam uma maquiagem, que é



uma técnica chamada de blackface. Eles pintavam a pele para interpretar personagens negros, que eram vilões. A imagem negra, nesses filmes, costumava mostrar um homem negro sujo, animalesco, quase comparável a um animal mesmo. Inclusive nesse filme, O Nascimento de uma Nação, tem uma cena em que uma mocinha branca pula de um precipício para não ser estuprada por um antagonista negro. Para termos uma noção de como o negro, desde o princípio, era retratado de uma forma distorcida da realidade.

Nos quadrinhos, a situação foi um pouco diferente porque, a princípio, super-heróis da Marvel e da DC Comics, desde a sua origem na década de 60 tinham um forte paralelo com as causas sociais em prol dos direitos civis. Então, por exemplo, o Pantera

Negra surgiu na revista do Quarteto Fantástico em um paralelo ao movimento dos Panteras Negras. Já era um personagem que levava o nome do movimento negro. Além disso, outros personagens, como os X-Men, por exemplo, sempre foram construídos como uma crítica social muito forte, porque é justamente a ideia de você ser diferente, não se encaixar, a princípio, na sociedade, que é algo que realmente existe, só que trabalhado com elementos fantásticos, o que torna tudo muito mais interessante. Inclusive, eu me lembrei de uma fala do Stan Lee, que faleceu no ano passado, e ele fala que o que torna os super-heróis tão cativantes para o público não são seus superpoderes, suas características excêntricas, mas é o fato de eles, no fundo, serem apenas seres humanos. Você se

identifica muito fácil com eles, por exemplo, o personagem que não consegue a garota dos seus sonhos, a criança que apanha na escola; os super-heróis têm, desde o princípio, uma relação muito forte com a questão da identidade e da representação, isso é uma coisa básica na essência desses personagens.

E, em cima do personagem, Pantera Negra, que você explicou que surgiu na década de 60; ele surge trazendo que tipo de perspectiva, que tipo de narrativa sobre a África e sobre as origens dele? O que ele traz de diferente?

O continente africano sempre foi retratado pela cultura popular como um continente miserável, que foi explorado. E a mitologia do Pantera Negra vem justamente trazer uma distorção

completa desses tabus, digamos assim. Ele mostra que a África pode ser desenvolvida por causa de Wakanda, que é uma nação que detém o metal mais valioso da Terra. E isso permitiu que eles evoluíssem ao longo dos anos, em total segredo da humanidade. Isso é muito interessante se a gente fizer um paralelo com a realidade, inclusive no próprio filme, se a gente for ver a cena pós-créditos, por exemplo, ele traz uma indireta muito forte ao atual governo americano, em que ele fala que Wakanda, que permaneceu por tanto tempo escondida agora tem que se revelar para o mundo porque os povos precisam se unir. Porque o sábio constrói pontes, não barreiras. Há essa fala bem explícita no filme. Isso é um contraste muito grande ao atual governo americano, por conta do atual cenário das migrações.

Rodrigo, outra coisa que é crucial no entendimento da cultura pop é a questão dos fãs. Hoje eles interagem com o cinema, com todo tipo de produção cultural de forma muito mais intensa, seja nas redes sociais, seja diretamente na produção artística. No caso do Pantera Negra, você coloca no seu trabalho que aconteceram, nos EUA, muitas ações afirmativas de defesa da identidade afroamericana como resultado desse filme. Como foi a reação lá ao sucesso do filme?

Foi algo realmente sem precedentes. Tivemos ações nos EUA que engajaram muitas celebridades que buscaram levar crianças da periferia para assistir ao Pantera Negra. Isso causou uma repercussão muito grande, pois muitas campanhas foram im-

Fotos: Acervo pessoal



O cinema, de um modo geral, ao mesmo tempo em que ele se mostra encantador, divertido e entretém o público, ele se mostrou bastante controverso ao longo de sua história. Por exemplo, eu posso citar o primeiro blockbuster da história, chamado O Nascimento de uma Nação (1915), que retrata a Guerra Civil Americana. Ele traz uma visão bastante eurocêntrica da imagem do negro. Eles utilizavam atores brancos para interpretar personagens negros, que eram todos antagonistas, e esses atores utilizavam uma maquiagem, que é uma técnica chamada de blackface.

pulsionadas diretamente pelas redes sociais. Essas campanhas foram realizadas tanto por celebridades, figuras de Hollywood, como também pessoas comuns. Essas campanhas, de um modo geral, mostram como o sucesso do filme ocorre, em grande parte, em função do fator representatividade porque a mobilização social percebida foi muito forte. O fã hoje em dia não tem mais aquele papel passivo de assistir e aceitar tudo que vê, ele vai cobrar aquilo com que ele se identifica. Então a representatividade ela passa a ser vista, também, como um recurso mercadológico. Por exemplo, Solomon já dizia que a cultura e a identidade de um povo sempre foram fatores muito determinantes para qualquer relação de consumo, inclusive de um produto cultural como esse. E o fã de um modo geral, principalmente por causa da internet e das redes sociais, ele passa a produzir, passa a se engajar, vai atrás de campanhas como essa. Eu até pesquisei uma ação prosumerista —porque os fãs hoje são prosumers, consumidores ativos e que vão atrás das coisas— de um fotógrafo nigeriano que recriou os cartazes do filme utilizando crianças negras. Isso é muito legal em questão de representatividade.

Certo, Rodrigo. Agora trazendo a conversa um pouco para o Brasil: você visitou o estúdio do Maurício de Sousa, que é muito conhecido pelas histórias da Turma da Mônica. E lá você conversou com roteiristas que trabalham com histórias em quadrinhos aqui no Brasil. A partir dessas conversas, como é que você vê a abordagem do tema da identidade das pessoas negras trabalhado



aqui no Brasil?

Eu visitei a Maurício de Sousa Produções em outubro de 2018 e foi uma experiência muito boa para mim, porque eu sou um grande fã da Turma da Mônica, sempre fui muito fã dos quadrinhos nacionais. E eu resolvi unir o útil ao agradável, justamente porque o momento em que eu visitei lá foi o momento em que eu estava desenvolvendo o corpo da monografia. Lá eu pude conversar com Flávio Teixeira, um dos mais renomados roteiristas do estúdio; e eu conversei com ele sobre o personagem Pelezinho, que é um dos mais famosos do Maurício de Sousa, inspirado no jogador Pelé, e que foi alvo de muitas polêmicas recentes. O personagem, a princípio, era desenhado com seus lábios muito avantajados, muito destacados pelo desenho. Sendo que, atualmente, quando o personagem foi relançado por volta de 2013, ele passou por uma reformulação gráfica em que seus lábios foram cortados. Era como se o personagem não tivesse lábios. E isso gerou muita polêmica entre os fãs, alguns falaram que ele tinha que

ter o lábio avantajado e outros diziam que não, porque isso era considerado uma visão racista. O roteirista informou que isso faz parte de um processo de evolução dos personagens da Maurício de Sousa Produções de uma forma geral, o que não vai evitar que ainda existam polêmicas em torno do personagem.

Uma coisa interessante que você aponta na sua monografia é a identificação dessas crianças que leem as histórias em quadrinhos e se veem representadas no personagem. Você acha que isso também acontece no Brasil, apesar de a gente ter pouca representatividade nas histórias que aqui são contadas?

Eu posso dar um exemplo maravilhoso, bem recente, que é uma *graphic novel* lançada ano passado justamente pela Maurício de Sousa Produções, que é chamada Jeremias Pele. É a primeira vez que ela traz um produto para falar sobre a questão do racismo. E essa *graphic novel*, se eu não estou enganado, no ano passado

foi o terceiro livro mais vendido no Brasil. Acho que isso mostra que sim, é um tema forte e que pode inspirar as crianças, os leitores de um modo geral.

Rodrigo, para concluir a nossa conversa, acho que a gente vai entrar agora, talvez, na pergunta mais filosófica de todas. Nos últimos anos a gente tem visto, na cultura pop em geral, em todo tipo de arte, um aumento dessas pautas representativas. A cultura pop sempre foi alimentada por padrões e estereótipos e hoje a gente vê a pauta LGBT, pauta feminista, pauta do povo negro entrando nessas produções culturais. Você, a partir da sua pesquisa, acredita que essa representatividade chegou para ficar? Ou que não, que é mais uma jogada para agregar público e aumentar o resultado do business?

Eu acho que as duas coisas podem acontecer ao mesmo tempo. Eu concluí que a representatividade pode ser tanto vista como um recurso comercial como ela mesma, propriamente dita. Eu acho que ela veio para ficar nos produtos culturais, embora a gente precise esperar para ver como isso vai impactar o público porque a Marvel, por exemplo, ela já deixou bem claro que ela pretende trabalhar muito a representatividade de outros grupos nos seus futuros filmes. Vai ter agora um filme dos Eternos que, já se especula, vai ter um personagem que é homossexual. E a gente vai ter que esperar para ver como o público, de uma forma geral, vai reagir a isso, mas eu considero que é muito importante essa representatividade, porque os personagens, de modo

geral, sempre tiveram essa representatividade como essência. A valorização de “minorias”, entre aspas, porque não são minorias, são maiorias na verdade. Então, é importante que o público passe a ver esses heróis não apenas como figuras poderosas e fantasiosas. Não que seja errado, tem que ver dessa forma também, mas que passem a ver com mais força o subtexto por trás desses personagens, que é tão importante quanto a dimensão fantástica e acho que vai definir, sim, o futuro dos filmes de super-herói.

Outra dúvida, que é uma questão pessoal. A gente vê que, mesmo com essa questão da representatividade, atores negros sendo premiados, nos papéis mais técnicos, na direção, nos roteiros, a gente ainda vê uma predominância de pessoas não negras. Isso está chegando também a esses papéis-chaves de produção dos bens culturais?

Eu acredito que isso ainda requer uma evolução muito grande, principalmente no Brasil. Mas até mesmo o próprio Pantera Negra, na premiação do Oscar, teve uma vitória muito importante, que foi a diretora de arte Hannah Beachler que ganhou o Oscar de Melhor Design de Produção. Isso é um passo muito grande para os bastidores da indústria. Mas isso ainda é algo muito carente, principalmente no Brasil, porque se os atores negros já não aparecem, nos bastidores das grandes produções está tudo ainda muito carente, requer uma evolução muito grande, pelo que eu vi nas minhas pesquisas.